

MÉTODOS DE TRABALHO SEGUROS EM AMBIENTES CAVERNÍCOLAS

Magny, N. L.¹

¹Universidade Federal de Goiás;

RESUMO: A Espeleologia preocupa-se em estudar ambientes cavernícolas e suas características, como a sua gênese e evolução, biota, condições atmosféricas, hidrologia e registros culturais. Segundo o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, no Brasil, aproximadamente 16.382 grutas já foram catalogadas até 2017, entretanto, espera-se que este número seja muito maior. Profissionais de diversas áreas são envolvidos, pois trata-se de uma ciência multidisciplinar, que exige a interação de profissionais de diferentes campos da ciência, e que frequentemente estão expostos a riscos próprios do ambiente cavernícola, o que pode resultar em acidentes (independentemente da experiência profissional), e até ocasionar óbitos. Para explorar estes ambientes de forma segura é necessário reconhecer que o conhecimento de técnicas de Segurança, Higiene e Saúde de Trabalho são essenciais, considerando-se os riscos envolvidos na atividade. Entretanto, observa-se que existem poucos estudos sobre a classificação e identificação dos riscos envolvidos, e de maneiras de como mitigá-los, para que se melhore a qualidade dos trabalhos e se reduza o número de acidentes buscando eliminar perdas materiais e humanas. O objetivo desse estudo é propor a utilização de métodos de trabalho que assegurem a segurança dos profissionais de espeleologia. Para tanto, três etapas são propostas: 1) estudo prévio do ambiente pela Análise Preliminar de Riscos (APR) – identifica-se os riscos de acordo com a Classificação dos Principais Riscos Ocupacionais (Norma Regulamentadora 05): riscos físicos (calor, temperaturas extremas, pressões anormais e umidade), riscos químicos (exposição a poeiras, gases e vapores), riscos biológicos (origem do animal, infecção, fungos e parasitas) e riscos ergonômicos (estresse físico ou psíquico, postura inadequada, levantamento e transporte manual de peso); 2) estudo antecipado e detalhado de todas as fases do trabalho – possibilita estabelecer medidas de controle; e 3) medidas de controle – deve envolver toda a equipe, que deverá ser capaz de neutralizar e prevenir possíveis acidentes, através de utilização correta de Equipamentos de Proteção Individual, como o capacete, luvas, calçado antiderrapante, macacão, equipamento de iluminação e etc... Além dos EPIs propõem-se treinamento em técnicas específicas para uso de alguns equipamentos e as devidas habilitações para seu uso e manuseio (ex. escalada e mergulho), cursos de emergências e primeiros socorros, além da profilaxia através da aplicação de vacinas. A habilitação parcial ou total da equipe em técnicas específicas visando a prevenção de acidentes reduz os riscos, assim como as técnicas de descida e subida vertical; de caminhada em terrenos inundados e travessia de rios; de natação equipada e rapel em cachoeiras; de mergulho; navegação e topografia; e, de limpeza e organização das áreas. Com a aplicação das Normas Regulamentadoras Brasileiras e as práticas comumente adotadas em grandes organizações obtemos um nível de segurança adequado, adaptando os métodos a espeleologia, visando a preservação das pessoas envolvidas, sem perder de vista o cuidado com o meio ambiente. Conclui-se que após a aplicação da APR nos campos realizados pelo Espele Grupo de Geologia (EGG), que as medidas de controles são inversamente proporcionais aos riscos, ou seja, ao gerenciar os riscos com as técnicas e equipamentos adequados eles são controlados e/ou eliminados.

PALAVRAS-CHAVE: ESPELEOLOGIA; SEGURANÇA; RISCOS; .